Aula 5

A CONCEPÇÃO ARISTOTÉLICA DA LITERATURA

META

Mostrar a virada teórica do pensamento aristotélico em relação ao pensamento de Platão, bem como seus efeitos sobre a compreensão da literatura como texto autônomo.

OBJETIVOS

Ao final desta aula, o aluno deverá:

- Identificar a visão aristotélica da literatura e seu posicionamento oposto ao de Platão;
- Reconhecer as bases aristotélicas para a compreensão da literatura como um fenômeno em si.

PRÉ-REQUISITOS

A aula 5, que transmite o conceito de literatura segundo Platão.

Antonio Cardoso Filho

INTRODUÇÃO

Está na hora de darmos o salto da concepção platônica para a concepção aristotélica da literatura. Então vamos começar.

Ver glossário no final da Aula

Aristóteles é o autor das duas principais obras da Antiguidade que trataram do texto escrito: a **Retórica** e *a Poética*. Na primeira, ele apresenta as características que devem estar contidas no texto que pretende persuadir, convencer e agradar. São as questões relativas à oratória. Na segunda, ele lança as bases para uma nova visão sobre a literatura. Na verdade, o que ele fez com as obras literárias foi analisar e revelar as partes que as constituíam, verificando a maneira como funcionavam no conjunto da obra. Esse posicionamento o conduziu a uma abordagem ontológica que até então a literatura não conhecia: uma abordagem sobre o ser da literatura. Tal foi sua consciência sobre esse estudo que abriu a Poética afirmando: "Falemos da poesia, – dela mesma e das suas espécies, da efetividade de cada uma delas, da composição que se deve dar aos mitos..." (ARISTÓTELES, p. 68). A expressão enfática "dela mesma" demonstra a preocupação com os elementos intrínsecos da poesia, que era o nome com que se tratava a literatura. A sua visão sobre o texto literário inverte o encaminhamento de Platão. Nesta nova ótica, a poesia, entenda-se, a literatura, começa a ganhar um lugar novo. O **paradigma**, ou seja, o modelo platônico da diferença entre essência e aparência já não tem validade, uma vez que agora a literatura vai encontrar seu ser e sua razão de ser, quer dizer, sua justificativa como produção humana nos próprios elementos que a constituem.

CONCEPÇÃO ARISTOTÉLICA

Os gregos levam em consideração quatro gêneros de escrita: a retórica, a poesia, a filosofia e a história. Na poesia – que corresponde ao que nós chamamos hoje de literatura – estão incluídas as formas narrativas e dramáticas. A poesia ganha em Aristóteles um estatuto próprio, e tem na *Poética* a sua teoria, que é diferente da teoria da **oratória**, da eloqüência, isto é, a *retórica*. *Na Poética*, Aristóteles trata da natureza da poesia, dos gêneros literários e da linguagem em que o texto está elaborado. Como você está percebendo, os valores literários aristotélicos não confirmam a leitura que Horácio fez da Poética, o que demonstra que a difusão do pensamento de Aristóteles entre os romanos e entre os pensadores da Idade Média foi baseado em uma deturpação feita por Horácio com sua preocupação didática e outros mais como Cícero e Quintiliano, os quais, como bons retóricos romanos, produziram regras sobre o bem escrever.

Ver glossário no final da Aula

Ao contrário, Aristóteles nunca criou normas. Ele procurou ver em que consistia o fenômeno literário, por isso foi descritivo em vez de normativo. Afinal de contas, "De que é feita a literatura?", "Como é feita a literatura?" são perguntas básicas para se compreender sua *Poética*.

Rejeitando a ideia de falsidade, inutilidade ou nocividade da literatura, Aristóteles toma as obras a partir da descrição de seus constituintes, como já dissemos, e é deles que ela vai receber seu valor. Para ele, as formas da literatura grega: a épica e a dramaturgia (tanto no âmbito da tragédia como no âmbito da comédia) dependiam da **mimese**, da imitação, e diferenciava cada uma a partir de três condições: o objeto imitado, o modo como se dava a imitação e o meio de imitação.

A *Poética* é um estudo especial da epopeia e principalmente da tragédia: um texto dramático que imita os homens de valor. O enredo é posto como a parte principal da tragédia e se faz em torno de alguém cuja conduta é moralmente louvável ainda que vá levar a um desfecho trágico. Um dramaturgo famoso da Grécia foi **Sófocles**. Ele escreveu uma peça não menos famosa: Édipo Rei. Como o título do texto já está indicando, *Édipo* é alguém de linhagem nobre, mas também de atitudes nobres, o que o coloca como uma figura compatível com as exigências da tragédia quanto à organização da história.

Sobre a questão das diferenças e semelhanças entre os textos, podemos dizer que a tragédia é diferente da comédia se se considera o objeto imitado – os homens: a primeira considera os homens de grande valor, e a segunda, os homens comuns. Mas esta mesma tragédia é semelhante à epopéia se tomamos o modo de imitação: as duas se voltam para homens e feitos heróicos. Se consideramos agora a comédia e a poesia satírica, vemos que pelo modo como imitam as coisas são semelhantes, pois ambas procuram ridicularizar pessoas e acontecimentos.

No que diz respeito à organização da história, a obra é feita de tal forma que se torna convincente e atraente para o ouvinte ou o espectador. O poeta considera o possível e o necessário, ou seja, tudo se enquadra no provável, no verossímil e no necessário; nada supérfluo ou dispensável constatado no texto. É dentro do universo dessas condições que a verdade poética é reconhecida e valorizada. Acrescente-se a isso, o fato de Aristóteles não levar em conta a distinção entre realidade essencial e realidade existencial, realidade verdadeira e realidade aparente e o resultado é que, nessa linha de pensamento, a verdade nunca vai ser procurada fora da obra. Pelo contrário, o que está presente na obra é o que é levado em consideração na busca de sua verdade. Assim, na literatura, a verdade é sempre reflexiva, fala de si mesma, porque ela se organiza a partir das condições em que o texto foi constituído e, nessa constituição, estão em jogo valores universais da realidade humana e não, fatores particulares da vida individual de alguém.

Mas como o tema da aula de hoje está interessado numa visão global do pensamento de Aristóteles, vamos ver agora um pouco mais do que ele diz sobre a tragédia. Deixemos a ele a palavra:

> [A tragédia] é imitação de uma ação de caráter elevado, completa e de certa extensão, em linguagem ornamentada e com as várias espécies de ornamentos distribuídas pelas diversas partes [do drama], [imitação que se efetua], não por narrativa, mas mediante atores, e que, suscitando o terror e a piedade, tem por efeito a purificação dessas emoções. Digo ornamentada a linguagem que tem ritmo, harmonia e canto, e o servir-se separadamente de cada uma das espécies de ornamentos significa que algumas partes da tragédia adotam só o verso, e outras também o canto (ARISTÓTELES, 1966, p. 74).

É importante perceber que na concepção de "imitação de ações de caráter elevado" está a ideia de ações sérias, praticadas por indivíduos socialmente destacados, aristocratas ou fidalgos. Assim, o homem médio, menos ainda o escravo, não protagoniza ações trágicas. Essa ideia só foi superada com a chegada do "drama burguês", no século XVIII (que valorizou o novo homem produzido pela revolução industrial), e com a chegada do Romantismo no século XIX.

O Renascimento acatou a doutrina de Aristóteles, mas introduziu algumas modificações que geraram um novo tipo de tragédia. Nessa nova roupagem, a tragédia renascentista continuou a buscar temas na Antiguidade e na Idade Média, mas também procurou um modo mais simples de se fazer. Ao examinarmos a tragédia francesa, vemos uma tendência à simplicidade, um gosto pelos assuntos psicológicos e uma preferência pelo tema do amor. Racine, no século XVII, é um exemplo dessa preferência.

Além disso, enquanto a tragédia clássica tratava da luta do herói contra as forças do destino determinado pelos deuses, a tragédia do século XVII tratava da luta do indivíduo contra as forças do meio social sintetizadas em dois pontos: o amor e a honra. Essa luta ganha um rumo até chegar a um impasse, cuja solução só chega através de desgraças que culminam com a morte.

De acordo com Aristóteles, a tragédia se compõe de seis partes:

a) Fábula – é a história; é a imitação de uma ação; é a combinação dos atos realizados. Os atos e a fábula são a finalidade da tragédia, daí serem também sua parte mais importante.

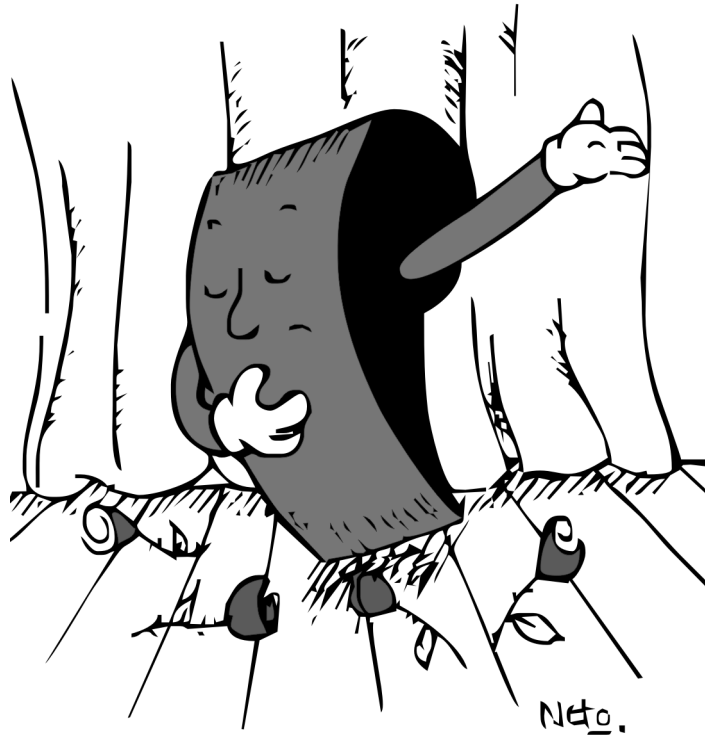
b) Elocução – é a fala das personagens em suas várias manifestações: súplica, ordem, explicação, ameaça, pergunta, resposta etc. Da elocução fazem parte os fonemas, a sílaba, a frase, os diálogos etc.

Sobre a fábula e a elocução, Aristóteles adverte:

> Deve pois o poeta ordenar as fábulas e compor as elocuções das personagens, tendo-as à vista o mais que for possível, porque desta sorte, vendo as coisas claramente, como se estivesse presente aos mesmos sucessos, descobrirá o que convém e não lhe escapará qualquer eventual contradição (ARISTÓTELES, 1966, p. 87).

c) Caráter – não aparece nas falas proferidas. É percebido quando as personagens tomam decisões de aceitar ou rejeitar algo.

d) Pensamento – são as ideias originadas no texto. Esses pensamentos dão valor às coisas ou retiram valor; despertam emoções como piedade, medo,

raiva; demonstram ou refutam outros pensamentos. O pensamento está ligado primeiramente à retórica. É a expressão do assunto.
e) Espetáculo – é o desenrolar das cenas. Essa é a parte que tem menos a ver com a literatura. Sobre ela Aristóteles diz que é o mais emocionante, mas também é o menos artístico e menos próprio da poesia. Na verdade, mesmo sem representação e sem atores, pode a tragédia manifestar seus efeitos; além disso, a realização de um bom espetáculo mais depende do cenógrafo que do poeta.
f) Canto – é a música, que consiste numa sucessão de sons para gerar uma sensação agradável ao ouvido. A musicalidade é feita em função da poesia, quer dizer, da literatura.

Finalmente, devemos dizer que os estudiosos do Renascimento retomaram a noção de unidade estética que já existia desde Platão. Baseados no que já pensavam os primeiros teorizadores, mas principalmente, partindo de Aristóteles, eles ensinaram que a tragédia obedecia a três unidades: unidade de tempo, unidade de ação e unidade de lugar. A peça dramática devia se passar em um espaço definido de tempo: "devia caber dentro de um espaço de sol". A fábula devia se realizar com ações completas, compondo um quadro **coeso** de acontecimentos. Na sucessão dessas ações, nenhuma poderia ser dispensável ou passível de ser deslocada para outro ponto da história sob pena de alterar o conjunto da obra. A respeito da unidade de lugar, eles não emitiram logo uma opinião, porque essa ideia

Ver glossário no final da Aula

não aparecia nem em Aristóteles nem em Horácio. Mas aos poucos foram fazendo deduções a partir das unidades de tempo e de ação. Se o tempo era contido em um dia e a ação deveria ser concentrada, então tiveram a ideia de dever haver uma unidade de lugar e este precisaria estar **circunscrito** a um certo local ou, no máximo, ao espaço de uma cidade. Estava formada a regra das três unidades.

A tragédia deixou de ser produzida no século XIX, embora algumas peças de Ibsen, ou o moderno teatro do absurdo sejam às vezes rotulados como tragédias.

CONCLUSÃO

Da mesma forma que Platão, Aristóteles também era um filósofo. Entretanto, na condição de um estudioso das questões da natureza, Aristóteles estava habituado a verificar **in loco** os fatos para os quais precisava de explicação. Assim é que diante das obras literárias não foi procurar em ideias abstratas ou valores éticos a causa da literatura. Antes, penetrou analiticamente nos textos e deles arrancou os elementos que iam dar base à sua compreensão de poesia. Nesta atitude, está a novidade aristotélica para a literatura. A poesia encontrou nele um lugar de reflexão sobre a natureza do seu ser, suas formas de organização, a matéria de que é feita.

Em Aristóteles temos a literatura sendo tomada a partir de si mesma, ficando salva da dependência de fatores extraliterários como sociedade, política e religião. Nesse pensador, a literatura ganha autonomia. Infelizmente sua difusão no mundo romano por meio de Horácio trouxe confusão com a retórica e, consequentemente, uma perda significativa para os avanços no estudo da literatura propriamente dita. Esse prejuízo atravessou toda a Idade Média fazendo-se presente nas ações catequéticas da Igreja católica as quais ajudavam a disseminar uma concepção pragmática, utilitária da literatura, até que nos séculos XVIII e XIX os estudos filosóficos enveredaram pela estética e recuperaram a originalidade do estagirita, quando a visão ética e política de literatura cede lugar à visão estética.

RESUMO

• Aristóteles é o autor da Poética, obra que trata da natureza da poesia, e com isso inaugura os estudos ontológicos da literatura, embora depois tenham ficado obscurecidos pela interpretação didática que Horácio lhes conferiu. Esse obscurecimento também foi influenciado pela mistura com a Retórica feita por outros retóricos como Cícero e Quintiliano.
• A poesia (como chamavam os gregos), ou seja, a literatura (como nós chamamos) tem como base de sua organização a imitação, a mimese.
• Aristóteles recusou-se a ver a literatura como uma farsa, um feito afastado da verdade. Ele achava que a verdade da poesia vem do próprio texto em sua constituição de linguagem e de sentido.
• A distinção entre as formas literárias se faz pela verificação do objeto imitado, do modo como é imitado e do meio de imitação.

ATIVIDADES

Reflita bastante sobre as diferenças fundamentais entre o pensamento de Aristóteles e o de Platão. A partir dessa reflexão, escreva cinco pares de oposição entre as teorias dos dois filósofos. Cada par opositivo dever ser acompanhado de uma explicação que deixe claras as ideias que estão sendo colocadas por você.

COMENTÁRIO SOBRE AS ATIVIDADES

Lembre-se de que para Platão a verdade está no campo das ideias e que a literatura por ser mera imitação das coisas está afastada do que é realmente verdadeiro.
No entanto, para Aristóteles, o valor da literatura independe de suas relações com a sociedade, a política ou a religião. Em sua obra Poética, dá início a estudos ontológicos da literatura, onde prioriza a ideia de que a poesia vem do próprio texto, em sua constituição de linguagem e sentido.

PRÓXIMA AULA

Logo mais lhe serão apresentadas as características que dão especificidade ao texto literário.

REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES. **A poética**. Tradução de Eudoro de Sousa. Porto Alegre: Globo, 1966a.

_______. **Arte retórica e arte poética**. Tradução de Antônio Pinto de Carvalho. Rio de Janeiro: Edições de Ouro, s.d.

GONÇALVES, Magaly Trindade, BELLODI, Zina C. **Teoria da literatura "revisitada"**. 2. Ed, Petrópolis: Vozes, 2005.

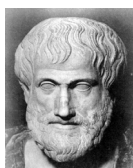
MOISÉS, Massaud. **A criação literária**: poesia. São Paulo: Cultrix, 1998.

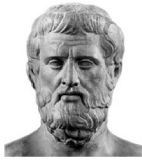
_______. **Dicionário de termos literários**. São Paulo: Cultrix, 1974.

GLÓSSARIO

Retórica: Teoria da arte de usar a linguagem correta, clara, elegante e com capacidade de convencer ou influenciar.

Paradigma: Modelo.

Oratória: Arte de falar. Antigamente estava unida à Retórica, mas sempre houve uma distinção entre ambas que pode ser explicada da seguinte maneira: a Retórica é a teoria sobre como fazer o bom discurso; a Oratória já é a prática do discurso.

Aristóteles: Filósofo grego (384-322 a. C.). Aluno de Platão e professor de Alexandre, o Grande, é considerado um dos maiores pensadores de todos os tempos e criador do pensamento lógico. É considerado por muitos o filósofo que mais influenciou o pensamento ocidental.

Mimese: Iimitação.Em Aristóteles essa imitação trazia consigo a visão particular do criador; não era simples reprodução.

Sófocles: Dramaturgo grego (496 a 405 a.C.). Considerado o continuador da obra de Ésquilo, concentrava em suas tragédias a ação em um só personagem, destacando o seu caráter e os traços de sua personalidade. Escreveu Édipo Rei, Édipo em Colona e Antígona.

Racine: Jean-Racine (1639-1699) foi dramaturgo e histórioador francês. Escreveu: Andrômaca, Britânico, Berenice, Ifigênia em Áulida e Fedra. Luís XIV o nomeou historiógrafo do rei. Chegou a abandonar o teatro, mas depois retornou a ele escrevendo as peças "Ester" e "Atália".

Coeso: Unido, ligado

Circunscrito: Restrito, limitado

In loco: No local, no lugar.